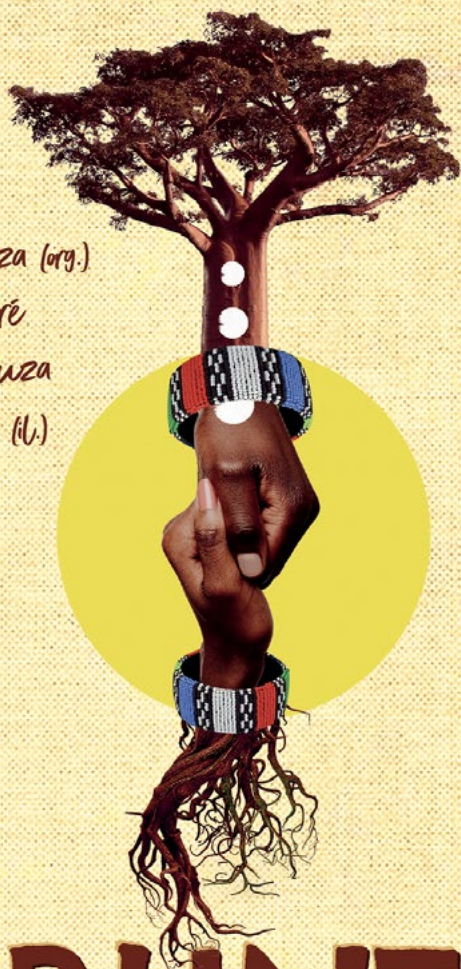


*Renata Souza (org.)*

*Muhiz Sodré*

*Seymour Souza*

*SeNEGambia (l.)*



# UBUNTU

*negras utopias*

**ANTES DE TUDO, CELEBRO A BELEZA** do encontro que este livro, *Ubuntu: negras utopias*, proporciona a nós, leitores. O olhar do mestre Muniz Sodré para o que está no mundo e nos forma é apresentado com imensa fluidez pelo próprio e interpretado, desdobrado, acolhido pela grande mulher que é Renata Souza e pelo jovem brilhante Seimour Souza. Em textos que encontram par perfeito nos traços, na identidade, na visceralidade de Senegambia. Que linda obra temos aqui. E que orgulho me somar a esta construção.

É a solidariedade se desenhando nas palavras e nas cores de afeto e respeito às nossas raízes africanas, que nos apontam perspectivas mais humanas de futuro. Isso é ubuntu, no conteúdo e na forma. E está no cuidado com o que é comunitário, coletivo, com o chão que nos alimenta, com nossas origens.

Quando zelamos por nossos saberes ancestrais, por nossas utopias negras, preservamos em nós a esperança em um amanhã que nos pertença. Nossas aspirações utópicas sustentam nossa persistência numa caminhada rumo a uma sociedade mais igualitária, fundamentada no amor, na qual teremos a verdadeira emancipação e valorização de nossa população e de nossa História pretas.

*Pastor Henrique Vieira*



# UBUNTU

*negras utopias*

*Renata Souza (org.)*

*Mupiz Sodré*

*Seimour Souza*

*Senegambia (il.)*



**COORDENAÇÃO EDITORIAL:** Marina Iris e Rafael Maieiro

**PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO:** Evlen Bispo

**REVISÃO:** Zeh Gustavo e Marina Iris

**ILUSTRAÇÕES:** Senegambia

**ARTE DO SELO:** Flávia Belchior

**TIRAGEM:** 1000

Ubuntu: negras utopias

Organização: Renata Souza. 60 p.; 17cm

**Renata**  
 **Souza**  
DEPUTADA ESTADUAL

# SUMÁRIO

- 5 APRESENTAÇÃO**
- 15 UBUNTU**
- 22** A condição do negro à luz do *ubuntu*
- 26** O que é relação racial?
- 28** Um problema de biopoder:  
a tara social racista
- 31** A permanência da forma  
social escravista
- 35** Os meios de comunicação e o racismo
- 36** A questão indígena
- 38** Por uma política *ubuntu*
- 41** Necropolítica
- 42** Devemos continuar  
usando o conceito de raça?
- 43** Amor e ódio como conceitos não binários
- 45** Raça ou povo?
- 48** Povo de santo e seus jogos de negociação
- 52 MOVIMENTOS NEGROS**





# APRESENTAÇÃO

*Renata Souza*

## CREMOS

*Ao poeta Nei Lopes,  
pela poema “História para ninar Cassul-Buanga”.*

**Cremos.**

**Quando as muralhas  
desfizerem-se  
com a mesma leveza  
de nuvens-algodoais,  
os nossos mais velhos  
vindos do fundo  
dos tempos  
sorrirão em paz.**

**Cremos.**

**O anunciado milagre  
estará acontecendo.  
E na escritura grafadada  
da pré-anúnciação,  
de um novo tempo,  
novos parágrafos  
se abrirão.**

**Cremos.**

CONCEIÇÃO EVARISTO

**POVO PRETO:** Luísa Mahin, Quilombo dos Palmares, Nelson Mandela, Panteras Negras, Marielle Franco. Éramos e somos uma multidão nas quebradas do Brasil e do mundo? Também, mas não só. Por isso, tecemos a nossa identidade como povo, como povo preto, na nossa diversidade cultural: da ancestral à contemporânea. E não só entre nós, pretos, mas a partir da afirmação dos nossos preceitos, lutamos pela unidade dos de baixo. Animada por esse debate, a nossa mandata lança o segundo livro do selo editorial Luísa Mahin: *Ubuntu: negras utopias*.

“Eu sou porque nós somos”, essa é a forma mais comum de se definir *ubuntu*. Entretanto, dizer apenas isso é insuficiente, pois não estamos diante apenas de uma palavra, estamos encarando um conceito fundador – poderíamos dizer ética ou filosofia. “Uma filosofia de resolução de conflitos”, defende o arcebispo sul-africano Desmond Tutu<sup>1</sup>. Aliás, *ubuntu* tem origem sul-africana e seu preceito foi um dos sustentáculos da reconstrução da África do Sul pós-apartheid.

Com a filosofia *ubuntu*, afirmamos a solidariedade e o combate ao individualismo. A solidariedade não como ação pontual, mas como método da ação política. Queremos construir a utopia real de um mundo sem fome, sem exploração e rico na diversidade dos seus modos de vida. Por isso, este livro também é um terreiro de candomblé, uma igreja cristã com sua teologia negra, uma ocupação.



O professor Muniz Sodré, um dos maiores intelectuais brasileiros vivos, abre a publicação. Sodré nos brinda com um ensaio sobre o conceito de *ubuntu*, sua origem, sua atualidade e, o mais importante, sua radicalidade. Logo em seguida, apresento um artigo meu em coautoria com o cientista político Seimour Souza: falamos sobre o movimento negro no Brasil de hoje e as nossas diásporas de resistência. Ao longo do livro, somos apresentados com belíssimas ilustrações de Luang Sene-gambia. Em tempos de avanço neofascista, celebrar a beleza do povo preto, a força da nossa ancestralidade e atualidade da nossa arte é um protesto radical da vida contra o culto genocida.

• 2 •

**MUNIZ SODRÉ É JORNALISTA E PROFESSOR** emérito da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Porém, com essa frase simples e direta, mais escondemos do que revelamos sobre a sua trajetória. Nascido na cidade de São Gonçalo dos Campos (BA), em 12 de janeiro de 1942, trabalhou como jornalista e tradutor, fez graduação em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestrado em Sociologia da Informação e Comunicação pela Université de Paris IV (Paris-Sorbonne) e doutorado em Letras pela UFRJ. Sodré é um nome incontornável nos estudos em comunicação no Brasil e uma referência internacio-

nal desse campo. Além disso, como presidente da Biblioteca Nacional (2009-2011), construiu 1800 bibliotecas municipais no país<sup>3</sup>.

Ainda assim não conseguimos dizer quem é Muniz Sodré. Membro da Academia de Letras da Bahia (ALB), ocupa a cadeira 33, que foi de Castro Alves. Sua antecessora foi Mãe Stella de Oxóssi, quinta Ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá<sup>3</sup>. Aqui se revela mais uma faceta dessa incrível figura: Sodré é Obá de Xangô<sup>4</sup> do Axé Opô Afonjá. E tem orgulho em dizer que ocupa a cadeira na ALB por solicitação do terreiro.

Não posso deixar de comentar que Muniz, permitam-me a intimidade, foi meu professor na Escola de Comunicação da UFRJ, fez parte da minha banca de mestrado e doutorado. É uma referência para mim, um amigo, um intelectual ajudando a construir pontes entre o mundo acadêmico e a vida do povo. Vale trazer uma formulação do Muniz, do seu livro *O terreiro e a cidade: a formação negro-brasileira*, para este jogo:

Um pensamento não racista surge da perspectiva de um solo comum com o Outro, pois o espaço real de uma Nação consiste no processamento de diferenças sem perda de sua totalidade. Apenas essa totalidade não se cria por um “todo” imposto à força (das armas ou da razão) nem por uma “cultura nacional” (que só existe como um monopólio oficial de ideias), mas pela aceitação de um jogo pluralista, heterocultural, em que se afronta sempre o Destino. “Todo homem não embrutecido pelo egoísmo”, diz o peruano José Maria Arguedas, “pode viver todas as pátrias”.<sup>6</sup>

Por tudo que foi dito, Muniz Sodré é um dos intelectuais mais qualificados para nos ajudar a pensar o conceito de *ubuntu*, desde as suas raízes até a sua importância para o debate contemporâneo. O ensaio que apresentamos aqui, intitulado simplesmente como *Ubuntu*, é inspirado na sua exposição no Seminário aberto: gênero, raça e classe, realizado pela nossa mandata, em 25 de julho de 2019, no Centro do Teatro do Oprimido (CTO). Nele Sodré tenta “conceber ou vivenciar um ponto em comum”<sup>6</sup> entre África e Ocidente, sem se deixar ser hegemônico por este. Como podemos ver no trecho a seguir:

Possivelmente, se um africano fosse chamado a explicar a palavra, ele não ia explicá-la sob os mesmos termos nossos, contaminados por uma formação europeia, também, por filosofia grega. Mas, quando se diz *ubuntu*, o homem estando junto aos outros, nós estamos também junto aos europeus. Não existe essa história de um território poder se abstrair do resto do mundo e encontrar forças apenas em si mesmo para existir. Nós estamos juntos: junto aos vizinhos, junto aos condôminos, junto aos habitantes da cidade e junto aos estrangeiros também, aqueles estrangeiros que não querem nos destruir. Então, *ubuntu*, portanto, e a ética são o imperativo de responsabilidade que cada um de nós tem para com todos os outros. Nós somos responsáveis por nós mesmos e por todos os outros.

Mais uma vez aprendi muito com o professor Muniz Sodré.



• 3 •

**O SEGUNDO TEXTO** do livro é o Movimentos negros, um artigo que escrevi a quatro mãos com o cientista político Seymour Souza, jovem brilhante e integrante da nossa mandata. Coordenador do Núcleo Independente e Comunitário de Aprendizagem (NICA) e da Uneafro-RJ, Seymour é uma importante liderança das lutas antirracistas no Rio de Janeiro. Em nosso artigo, pensamos o movimento negro na sua riquíssima diversidade, sem deixar de afirmar a urgência da unidade do povo preto para combater o nosso maior inimigo: o Estado racista.

Também é indispensável destacar o trabalho do artista visual Luang Senegambia. Suas ilustrações não são decorativas, rascunham outras formas de pensar. Muito além da lógica acadêmica e do discurso científico. Através das colagens, e com uma linguagem futurista, Senegambia representa a nossa ancestralidade. Como ele afirmou, em declaração ao jornal O Globo, “arte gráfica é a forma como eu absorvo, metabolizo e devolvo para o mundo a minha opinião sobre o que é ser negro no Brasil”<sup>7</sup>.

• 4 •

**A RAÇA COMO REALIDADE BIOLÓGICA** não existe. Como nos lembra Silvio Almeida, é um “fenômeno essencialmente político”<sup>8</sup>. Assim o racismo, “forma sistemática de discriminação que tem a raça como fun-

damento”<sup>9</sup>, é uma forma de opressão criada para o controle de algum grupo social. Para Clóvis Moura,<sup>10</sup> a luta antirracista dos negros começa com a escravidão. E, por isso, se constitui como luta de classes. Manter os negros como o setor mais oprimido e explorado da classe trabalhadora cumpre um papel econômico primordial, “pois o interesse das classes dominantes é” ver o negro “marginalizado para baixar os salários dos trabalhadores no seu conjunto”. Em outras palavras, o racismo cumpre um papel estrutural nas sociedades capitalistas.

Mas se a questão de fundo é a de classe, qual a necessidade de afirmar a identidade negra, de chamar o povo preto a se unir? É à luz do *ubuntu* que podemos responder esta questão. Em primeiro lugar, apontar o racismo como tática das classes dominantes para dividir a classe trabalhadora não significa dizer que ele não existe. Pelo contrário, a existência do racismo é colocada em termos ainda mais trágicos. O racismo está dentro da classe, sendo praticado diuturnamente por trabalhadores contra outros trabalhadores. Por isso, a união do povo preto, a afirmação da nossa identidade, é indispensável. Repare na escolha da palavra: “povo” e não “raça”. Ela foi bem pensada para eliminar qualquer confusão, para afirmar que a ideia de raça é uma arma das classes dominantes, não é nossa. Em segundo lugar, reafirmamos a identidade do povo preto sem nenhum sectarismo, mas como um lugar de acolhimento, de reconhecimento de nossa ancestralidade e de nossa potência, sempre posta em dúvida pelo racismo. A partir disso, teremos um re-

fúgio onde aprendemos a andar com a cabeça erguida, a ter orgulho de si e dos nossos. Não para dividir a classe trabalhadora, mas para combater o racismo, inclusive, dentro dela. Só assim vamos construir uma política revolucionária dos de baixo contra os de cima.

Em última instância, o povo preto se reúne pensando táticas e estratégias para superar o capitalismo. Sabemos que não vamos fazer isso sozinhos, mas desejamos uma universalidade que não seja eurocêntrica, precisamos construir uma universalidade solidária<sup>12</sup>. Isso só é possível superando o racismo e filosofia *ubuntu* nos oferece muitas lições.

## • NOTAS •

1. BBC. *Ubuntu: o que significa essa filosofia africana e como pode nos ajudar nos desafios do hoje*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KaQSIvWV7wo>>. Acesso em: 11/03/2021.
2. CORREIO DO POVO. *Muniz Sodré, o intelectual tropical*. Disponível em: < <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremir-machado/muniz-sodr%C3%A9-o-intelectual-tropical-1.312006>>. Acesso em: 03/05/2021 às 15h.
3. Ilê Axé Opô Afonjá é um dos terreiros de candomblé mais tradicionais da Bahia. Foi fundado por Eugênia Ana dos Santos e Tio Joaquim, Obá Sanyá, em 1910.
4. Título honorífico do candomblé exclusivo do Ilê Axé Opô Afonjá, criado em 1936.



5. SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a formação negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p. 63.
6. *Ibidem*, p. 62.
7. O GLOBO. *Como Iemanjá se tornou o orixá mais pop da arte brasileira*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/como-iemanja-se-tornou-orixa-mais-pop-da-arte-brasileira-1-24864507>>. Acesso: 01/05/2021 às 22h.
8. ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Polén, 2019, p. 31.
9. *Ibidem*, p. 32.
10. *Ibidem*, p. 186.
11. Aqui dialogamos com dois conceitos: o de *universalismo estratégico*, elaborado por Paul Gilroy, e o de *universalismo insurgente*, elaborado por Asad Haider. Ambos propõem a negação do *universalismo abstrato*, baseado no apagamento dos crimes da Europa iluminista. Contudo, apostam no regaste da *melhor* herança do Iluminismo, citando como exemplo os intelectuais negros radicais da Revolução Haitiana. Por mais que achemos o ponto de vista interessante e frutífero, não seguimos Asad Haider em alguns passos. Por exemplo, o de colocar a identidade necessariamente como um entrave. Pelo contrário, achamos que a identidade é um momento fundamental da consciência de classe. Por isso, propomos a ideia de *universalidade solidária*. Para ter acesso a esse debate com mais detalhes ver HAIDER, Asad. *Armadilha da identidade*. São Paulo: Veneta, 2019, p. 137-150.







# UBUNTU

*Mupiz Sodré*



**UBUNTU:** o que significa o título deste ensaio? Compreendê-lo trata-se de uma oportunidade ética e política. Primeiro, porque *ubuntu* é uma palavra sul-africana curta em tamanho, mas enorme no conceito. Porque *ubuntu* é um verbo, um substantivo, é ao mesmo tempo substantivo e verbo. E representa, filosoficamente, o homem como humanidade, o homem inscrito somente na condição do humano. *Ubuntu* é o substantivo homem; mas, para ser percebido como homem, como humano, *ubuntu* diz que o indivíduo, o homem, só é humano sendo, só é humano sendo humano junto ao outro. Essa palavra tem um programa, que é ao mesmo tempo ético e ao mesmo tempo político. Portanto, em termos mais práticos, *ubuntu* é um preceito ético-político.

Pois bem, por que um preceito político? Porque ele se refere à política no sentido originário do termo. E neste sentido, política é um movimento agregativo, um movimento agregativo de gente. Política quer dizer: cooperação, solidariedade, amizade, espírito crítico. Isso não tem nada a ver com política partidária – é política no sentido agregativo. Mas o é tanto no plano das relações impessoais, quanto no plano dos vínculos que se caracterizam por afetos, portanto nos vínculos de família, nos vínculos comunitários. A política no sentido originário tem a ver com isso. Ora, e ética não é o conjunto codificado de regras de convivência. Ética não é moral, ética não é ajustamento de moral. Não, ética é toda a envergadura das realizações de um grupo humano quando guiado pelo brilho de sua verdade própria. E

essa verdade própria vem de seus ancestrais, vem dos fundadores do grupo. Em primeiro lugar, segundo o apelo da dignidade. Mas, o que é que significa dignidade? O filósofo Immanuel Kant diz isso em muitas páginas, nós vamos resumi-lo em uma frase: dignidade é aquilo que não tem preço. Em suma, aquilo que não passa por ter preço, o que não é medido por um preço. Parece simples, mas é de longo alcance e isso é o digno. Dignidade, portanto, é isso, exatamente isso: é aquilo que está acima do preço.

Podem conviver, pois, dois valores éticos, no que tratávamos sobre o *ubuntu*: o valor do ancestral, o valor do fundador do grupo, que quer que o grupo vibre e continue imortal; e o segundo, o valor da dignidade. Portanto, ética no sentido de *ubuntu* diz respeito à radicalidade do ato de morar. Nós só moramos e habitamos de modo pleno quando vivemos na dignidade do morar. É um pouco o contrário do que está acontecendo no Rio de Janeiro, em que estamos, digamos, com o risco de cair no abismo da indignidade do morar. Ora, portanto, ética diz respeito a tudo aquilo que implica o destino comum, que é um destino que foi prefigurado pela fundação. Para entendermos sem muita delonga a importância de juntar ética com a política, diríamos que a ética é aquilo que repercute em cada um de nós, aquilo que repercute em nós de modo calado, de modo tácito, mas do desejo dos fundadores, dos nossos pais, dos nossos avós, dos que fundaram o grupo, de que o grupo continue instituído tal e qual.

Ora, isso pode gerar uma ideia de transcendência, e não se trata disso, mas tão somente que no sagrado, na utopia, na ciência, essa ideia de permanência do grupo comparece. Não há sagrado, não há utopia, nem ciência, sem essa ideia de que o grupo possa permanecer tal e qual: são, sadio e politicamente ativo. Uma ciência que não se compromete com isso é uma que serve apenas ao interesse e para a destruição do mundo; uma utopia que não vê isso é uma utopia fadada ao fanatismo e ao fundamentalismo. Então é preciso que no sagrado, na utopia e na ciência, a ética compareça e a ética como aquilo que reside no que radicalmente o homem é, que é ser humano, e no sentido de que ser humano é sê-lo junto aos outros.

Portanto, a ideia de ética que é a *ideianoção* de *ubuntu* não implica nenhuma matéria de valores, de modismo de valores, mas é a ética como uma imanência dinâmica, que é comum a toda morada humana num território. Como moramos, como habitamos um espaço determinado, nós atendemos a exigências radicais da vida, que é disso que a ética fala. A ética fala das exigências radicais que a vida faz nos seus termos e isso está bem explicado quando se diz que a vida não se esgota como se manifesta no ser vivo. A vida não se esgota apenas na vida que se vive. Não, o homem é um ser vivo. Mas o que constitui o homem como vivo está aquém, está além de tudo aquilo que perfaz a condição dele de sujeito, a condição de viver, está além e aquém disso. Pode ser da consciência, pode ser do inconscien-



te. Digamos com outras palavras: todo indivíduo se sustenta pelo não nascido, todo indivíduo se sustenta pelo não constituído, pelo não existente, em tudo que está no nascimento dele, que está na sua constituição, está na sua existência.

O que é esse não nascido? É o ancestral; e é o filho dele. Por isso, toda ética – e *ubuntu* remete a uma ética preocupada com a rede nacional – se chama ética porque é preocupada com o que vem da palavra de fundação. Se uma política, uma ação, uma ciência não tem esse desenho de possibilidade que a palavra *ubuntu* contém, vamos desconfiar dela. Vamos desconfiar, portanto, de planos econômicos que com o tempo vão embora. Que contempla as finanças, que contempla os bancos, que contempla apenas o que está nos ares, mas não no território. Vamos desconfiar de políticos que não olham para o local, olham para o abstrato e para fora. E não nos esqueçamos da mensagem americana de que toda política é local, toda e qualquer política é local, se não, não é política. Você tem que olhar para o local, tem que olhar para o território. Isso aí é *ubuntu*.

Então a ética é um movimento de escuta brutal dessa dinâmica abrangente que é a dinâmica da ancestralidade, e essa dinâmica do ancestral é maior do que os limites da subjetividade. Por isso *ubuntu* é um imperativo ético, político. Prestemos atenção: essa palavra é africana. Possivelmente, se um africano fosse chamado a explicar a palavra, ele não ia explicá-la sob os mesmos termos nossos, contaminados por uma formação europeia,

também, por filosofia grega. Mas, quando se diz *ubuntu*, o homem estando junto aos outros, nós estamos também junto aos europeus. Não existe essa história de um território poder se abstrair do resto do mundo e encontrar forças apenas em si mesmo para existir. Nós estamos juntos: junto aos vizinhos, junto aos condôminos, junto aos habitantes da cidade e junto aos estrangeiros também, aqueles estrangeiros que não querem nos destruir. Então, *ubuntu*, portanto, e a ética são o imperativo de responsabilidade que cada um de nós tem para com todos os outros. Nós somos responsáveis por nós mesmos e por todos os outros.

Portanto, a palavra responsabilidade nós a tomamos aqui como um princípio ético. Ser responsável é ser ético, porque responsabilidade é um princípio relativo à dignidade da linguagem, relativo também ao cuidado de si mesmo, como fonte de sentido relativo à existência humana. Nós estamos vivendo um momento de fúria global, na linguagem, no comportamento. Isso que circula nas redes sociais, essa vida artificial que se divulga como vida nas redes sociais vai nesse sentido. É um discurso sem o cuidado de linguagem, é um discurso sem respeito. Portanto, é nesse momento e exatamente nesse momento que o *ubuntu* se faz mais vigoroso, se faz mais imperativo. Portanto, *ubuntu*, ética, é o fundamento dos valores, é o fundamento da normatividade. Que é naturalmente intrínseca à condição humana de autoafirmação da vida. É preciso, exatamente nos momentos de obscuridade, de falta de



clareza, de opressão, é preciso escutar o movimento de autoafirmação da vida que está às vezes fora da economia, está fora do preço, está fora do dinheiro, e por isso é digno.

Ora, como princípio, portanto, a responsabilidade não é nada individual, a responsabilidade é sempre coletiva. Quer dizer, todos são socialmente corresponsáveis pelo que acontece na cidade. Cada um é responsável quando vota, é responsável quando joga o lixo na rua, é responsável quando não vai cerrar os braços ao redor da cidade que um tiraninho de momento quer destruir. Nós somos responsáveis pela cidade e por votar em quem a governa. Então tem essa responsabilidade do fato social, que não se reduz às responsabilizações individuais mas adere a uma responsabilização de ordem jurídica, econômica, administrativa que está implicada na organização da sociedade.

## **A CONDIÇÃO DO NEGRO À LUZ DO UBUNTU**

E como entender a negritude, a condição do negro à luz do *ubuntu*? Ou o *ubuntu* como categoria explicativa do que queremos dizer com negritude? Porque esse conceito ilumina de modo muito particular a condição do afrodescendente no Brasil e no mundo. O *ubuntu* nos dá uma iluminação diferente da questão do racismo.

Num livro recente, chamado *Pensar nagô*, levantamos a seguinte evidência histórica: nem sempre existiu racismo. Até o século XVI, havia comunidades, havia povos que se caracterizavam por aparências diferentes, distintas; mas não havia a ideia de gente de cor. Essa expressão gente de cor só aparece no século XVI. Antes disso aparecia de outro modo. O indivíduo de costume diferente podia ser até ridicularizado: era o turco, era o japonês, era o africano... Mas, não se caracterizava esse indivíduo por sua cor de pele, como gente de cor. E essa designação gente de cor, essa designação universalista, aparece com os sistemas classificatórios elaborados por teóricos europeus e que montaram os contornos de uma biopolítica colonizadora. Portanto, essa questão da raça, essa questão de cor, surge com a colonização, com a biopolítica na colonização. Então a fonte doutrinária dessa classificação de gente de cor, com uma formação ideológica, é a tentativa de monopolização do espírito pela Europa. A Europa se acha a dona monopolista do espírito, em uma busca, pela ideologia cristã, pelo cristianismo, de cavar uma distância, com o foco de espiritualização, entre os europeus e os judeus e os mouros, tidos como raças infectas. Tal classificação, pois, provém da expressão da Igreja no século XVII. Judeu e mouro são, por essa expressão, raças infectas.

Ora, o antissemitismo cristão, que pretexta diferença religiosa, visa realmente a raça, é a matriz do racismo. Todo o racismo com o negro é posterior e antecedido pelo antissemitismo. A primeira vítima do racismo na Europa é o judeu, o mouro. Então, no centro de tudo

isso, opera o que chamaríamos de uma hermenêutica do corpo. O que queremos dizer com isso? Sem o corpo, o racismo é inconcebível. O racismo precisa de um corpo para se alojar, e essa é uma visão de um colega nosso, um grande professor que nos convidou recentemente a Nova York, John Murungi, um congolês. Ele diz: o racismo se apoia numa versão da percepção e da interpretação do corpo humano. O racismo equipara à interpretação do corpo aquilo que o corpo é. Então o corpo é uma coisa, mas você interpreta outra sobre ele e você diz que aquilo é o que você interpreta. É sempre uma interpretação do corpo que suporta o racismo.

Então é dessa interpretação do corpo, que é a interpretação colonialista, narcisista, que reduplica a própria imagem do intérprete do espelho, que vem a aversão à diferença cromática, à diferença de pigmentação. O branco, loiro, de olhos azuis se olha no espelho, se acha lindo no espelho, depois vê alguém que não é que nem ele. A aversão cromática surge logo depois. Esse mesmo branco interpreta o outro de maneira depreciativa, de maneira inferiorizada. Então foi assim que a branquitude – a chamemos assim – se converteu em paradigma de biopolítica. Em todo racismo há, portanto, uma biopolítica. O racismo nasce desse paradigma, desse espelho que se quer onipotente, se quer poderoso, se quer mais sábio, se quer humanamente universal. Ora, foi assim que isso se disseminou, via colonialismo, nas escolas e das escolas para as cabeças das elites nacionais, para a arte no Brasil e em todos os lugares.

Em que pese essa igualdade material do corpo humano – todos somos iguais em corpo –, o racismo surgiu sob a forma de um valor eurocêntrico que é um valor pleno, supostamente universal, fundado numa social universalidade do inumano. Como se diz o ser humano, em que o conceito de humano é universal, automaticamente se cria o seu oposto, o inumano universal. E o que é o inumano universal? É aquele que não se parece com o humano interpretado por um eu que é o branco eurocêntrico. Então, tudo que for diferente desse humano será, logo, inumano e objeto do julgamento e da interpretação racista. Funda-se um paradigma de cerca e é pela introdução dessa cerca que essa condição da cor da pele se torna uma injunção moral. E a segregação racial se institui, então, como um fato civilizatório. Não temos nenhuma dúvida disso: o ser branco, a ilusão de ser branco é vivida pela consciência racista como se fosse um fato de civilização. E um fato civilizatório se impõe como evidente: você passa a nutrir aversão, talvez você tenha ódio, você tenha raiva, você tenha desprezo por quem não se pareça com você.

Você já nasce com uma vantagem patrimonial na cor da pele: “Oh, é clarinho!”. Então, qual é a realidade? A realidade nós sabemos, o *ubuntu* nos diz... Nossa interpretação está seguindo essa linha do *ubuntu*, de que a bem da verdade não existe raça, dado que raça significa uma diferença radical de genótipo humano e nesse sentido não existe raça, como diferença radical. A bio-

logia comprova isso: você pode dizer raça humana, além da animal. Por outro lado, não há como negá-lo, existe a relação racial. Se a raça não existe, existe, porém, essa relação racial.

## **O QUE É RELAÇÃO RACIAL?**

A relação racial nasce marcada pela crença de que raça existe. E é nessa relação racial que se infiltra e que se instala a discriminação. Cabe chamar bem a atenção para isso, porque os movimentos negros, os movimentos de ativismo negro, hoje não sabemos muito, mas num passado recente, aqui no Brasil, gostávamos de afirmar a existência da chamada raça negra. Ora, o racismo está aí também: toda vez que se afirma a raça, o racismo está aí, também afirmado. Se você veste uma luva pelo avesso, você não muda a natureza da luva: você pega uma luva e a veste pelo avesso, ela continua sendo luva. Você pega um lápis, o coloca de cabeça para baixo, ele continua sendo lápis – o avesso não faz uma diferença. Então, devemos desconfiar da palavra raça, porque raça não existe, raça é o ser humano. O que existe é o homem, o nativo de qualquer pele, de qualquer cabelo, de quaisquer olhos. Quando alguém valoriza, em termos absolutos e violentos, a cor branca dizendo que é a raça branca, ao se tentar fazer o movimento contrário, de se dizer não a isso afirmando a raça negra, se mantém

a mesma lógica do racismo, o racismo não é vencido, o racismo não é superado.

Se pensarmos em termos de *ubuntu*, ele diz: o homem, o ser humano, é aquele que é junto ao outro, pouco importa a condição do cabelo ou da cara ou a cor da pele. Então, diríamos que a palavra raça, na ótica do mundo, carrega o cadáver insepulto dum conceito odioso, que é o conceito de raça, que animou no passado essa forma linguística chamada raça. Apesar de isso provocar tantas reações, podemos discutir mais sobre isso e talvez seja uma palavra que a consciência moldada pelo mundo nesse momento tenha de se desembaraçar, da palavra e do conceito de raça. É um conceito pesado para se arrastar.

Mas, como dissemos, existe a relação racial, atravessada pelo imaginário da raça. E um francês de que gostamos muito, um grande poeta, Paul Valéry, ele já tinha pressentido isso, quando diz: olha, não há nada mais profundo do que a pele. É profundo porque a pele parece superficial e quanta gente já se matou e quanta gente já se desprezou e quanta gente já se desesperou por essa aparente superfície que é a pele? A questão da pele é profunda para o racista. Por quê? Porque a consciência racista confunde cor da pele com essência humana. O *ubuntu* não o confunde: a cor da pele não tem nada a ver com a essência humana. Ser negro não faz ninguém melhor do que o outro porque se é negro; e nem ser branco faz ninguém melhor do que o outro porque se é branco. Não há equivalência entre essência humana e cor da



pele. Isso é o que nos diz a palavra *ubuntu*. E é por isso que dissemos que *ubuntu* é uma palavra curta, mas de conceito extenso.

Hoje, essa nominação, digamos, abertamente racial, em termos clássicos, tem sido amenizada, tem sido apresentada no interior de um complexo maior. Tem se sustentado, por exemplo, na Europa, que o “problema” não é tanto a cor da pele, é o imigrante, é o diferente. A questão da raça tem se esmaecido um pouco nos Estados Unidos. Aqui parecia que estava elucidada e voltou, estranhamente voltou; mas também não devemos nos apegar tanto a isso, porque nós vivemos num momento de retrocesso.

## **UM PROBLEMA DE BIOPODER: A TARA SOCIAL RACISTA**

Mais do que a consideração da cor da pele, o que há é um problema de biopoder, que é poder de vida sobre os outros, o poder de controle sobre a vida dos outros, em que a cor da pele é um pretexto para o exercício desse poder, é só um pretexto. Nenhum racista, razoavelmente educado, acredita mais nessa essência. É simplesmente uma questão de ódio, é uma questão de aversão ao outro. Porque o atual sistema de iluminação não se apoia mais no conceito biológico de raça. Esse argumento explicitamente racista não leva a lugar ne-



**Ordem e progresso**

nhum, só leva aos redutos anacrônicos da tara social. Existe uma tara que não é individual, é uma tara social. Mas, o que é uma tara social? Ela se manifesta na expressão de um grupo supremacista americano, por exemplo, ou em um grupo fundamentalista de odiadores que se mostram na rede eletrônica. São todos tarados. Isso é uma tara social.

Não nos enganemos: a loucura não é um fenômeno apenas individual. Ela é a sociopatia coletiva, que é infectante, infecciosa, contagiante. Assim como as taras de aversão dos grupos supremacistas americanos, em pequenos redutos, como a dos que odeiam o diferente na rede eletrônica. Isso faz parte de uma tara social. Mas dizer isso não sublinha o racismo, quando se quer acabar com o racismo? Não, porque o racismo, fato é, persiste, refratário, como bolinha de mercúrio, na denominação da palavra preconceito. Então se diz: não há racismo, há preconceito – preconceito de classe. Todo economista, seja de direita ou de esquerda – sim, de esquerda também! – costuma dizer: “Não, problema de raça no Brasil não é racismo, é uma questão de se elevar a renda...”. Ouvimos muito isso porque essa questão importante para o *ubuntu*, importante para nós, não chegou ainda ao estudo dos economistas, não chegou ainda ao estudo da economia política. Você acha que é uma questão de fomento, e essa é uma das principais questões, senão a principal questão, que atravessa e que divide a população brasileira.

Não se engane, não nos enganemos. Nunca fui do Partido dos Trabalhadores (PT). Mas não nos enganemos: o ódio ao PT tem a ver com aquela pequena consideração de que, num determinado momento, o PT era um partido dos negros. Nada mais do que isso. O ódio ao PT não é ideológico, não é econômico – aliás, que ideologia? Qual é a ideologia do PT? O PT tem ideologia? O PT tem um plano econômico de largo espectro e coerente capaz de produzir tamanha reação de ódio? Parece que não. Não é disso que se trata o ódio ao PT, mas dessa coisa que atravessa fundo o Brasil e que diz: cada macaco no seu galho, cada negro no seu lugar. Isso foi ferido, isso foi tocado e de repente ninguém suportou mais isso. Por ninguém queremos dizer: aquela consciência de se achar superior ao outro.

## **A PERMANÊNCIA DA FORMA SOCIAL ESCRAVISTA**

Num contexto de memória escravista é que esse jogo hegemônico parece eminente, porque o racismo brasileiro, fundado no que chamaríamos de racial democracia brasileira, tem a especificidade dele. Porque aqui no Brasil se aboliu política e juridicamente a escravidão, logo, a subordinação direta do corpo sequestrado do negro, mas a forma social escravista permanece. E esse é o

problema, quer dizer, aparentemente a escravidão acabou, aparentemente houve a abolição, a abolição foi um fato jurídico, político, a escravidão não tem mais lugar nas relações sociais modernas. Ou melhor, tem, porque pode morrer a forma jurídica e continuar a forma social, pessoal, que é psicossocial, que é psicossociológica – e essa forma continua firme. O que não existe mais é a grosseria escravista daquela velha sentença do Padre Antoninho, que dizia, no séc. XVIII: “Tudo o que o negro precisa no Brasil é de pano, pão e pau.” Essa forma grosseira não existe mais, aparentemente. No entanto, se foi a segregação explícita, mas ficou o horror ao outro, que é conotado como raça. O horror continuou, porque a forma, quando era escravista, não foi tocada. Por isso talvez mereça menção o título daquela música de Cartola [Autonomia], em que ele está falando de relação de amor, mas que pode se desdobrar nesse sentido: “É necessária a nova abolição”. É preciso se abolir o preconceito, o que ficou implícito na noção de raça.

Então, no interior de uma forma social escravista, como é a nossa forma social, o horror não tem a cara do inimigo – o horror tem a cara do vizinho. O horror tem a cara do próximo. E esse próximo, numa sociedade de maioria negra, é quase sempre negro, a sua cor é escura. Logo, o inimigo está próximo, o horror está na cara do próximo, não tem a cara do estrangeiro, não tem a cara do alemão. Ora, como é que se lida com isso? Lida-se com educação. Pois essa é uma questão que atravessa o Ocidente. A questão do racismo é tão funda! Talvez não

se resolva por essa geração, nem pela outra. Mas a resolução passa, sem dúvida nenhuma, pela educação, e não é pela educação que virá das universidades, nem dos institutos de tecnologia, nem dos economistas iluminados. Virá da professora primária, virá da escola fundamental e depois do ginásio, da educação básica, tem que começar aí. A verdadeira questão da cultura brasileira não está no reerguimento de Ministério da Cultura nenhum, embora até fosse interessante. Está na professora e no professor do primário, na professora e no professor de ensino fundamental. Vai começar aí. Está no espírito dos legisladores, dos novos legisladores, que, mal ou bem, o povo num determinado momento elege legisladores que são marcantes... Marielle Franco é uma figura como essas. Legisladores como a deputada Renata Souza, uma jovem, a resolução virá de legisladores, não de leis. Virá de escolas e virá claramente de um sentimento de respeito, que esse é o terceiro elemento que está incluído na palavra *ubuntu*.

O terreiro – o terreiro de candomblé na Bahia, em Cuba... – só o aprende quem o respeita. Só aprende quem respeita. Respeitar é fundamental. É respeitar o fundador, respeitar o pai, o mais velho, respeitar a quem nós podemos dar um título de autoridade. Mas, principalmente, respeitar o próximo, o vizinho. Nós só somos sendo junto com o outro. Portanto, esse é o terceiro sentido do *ubuntu*, além dos dois já abordados: respeitar. Se começarmos a respeitar, nós vamos começar a dar um pé na bunda do racismo!





## OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E O RACISMO

Goethe e Schopenhauer, na Alemanha, foram educadores públicos. No Brasil, o movimento abolicionista foi um movimento de educação com o homem negro. Todos os que se disseram, de um modo geral, abolicionistas, até mesmo quando eram um pouco reacionários, como Rui Barbosa, eram educadores públicos. Esses educadores públicos não tinham muito compromisso com o negro concreto, real, mas com a introdução do Brasil no concerto moderno das nações.

Por outro lado, há os meios de comunicação. Nesses 40 ou 50 últimos anos, todos foram educados publicamente por televisão. A televisão é um grande e péssimo educador público! Para ser mais radical, vejo que existe uma coisa de pornocultura. Não é pornografia, é a cultura mediada pelo comércio rasteiro. Porno, em grego, é um verbo que significa vender. A pornocultura é a cultura da venda, é a cultura comprometida com a venda e que nos habituou ao pior. Nesse momento que estamos vivendo, a pessoa já tem a consciência habituada ao pior, por 40, 50 anos, que a televisão nos ofereceu, e pode suportar esse lixo que trafega pelas redes sociais e não morrer de escândalo.

Os meios de comunicação poderiam, sem dúvida nenhuma, fazer muito mais, mas não fizeram. E não o fizeram por quê? Porque os meios são os intelectuais coleti-

vos das classes dirigentes. Eles repercutem narcisicamente as ideias das elites dirigentes, que são racistas. Em qualquer estado brasileiro tem o racista padrão. Na minha terra, na Bahia, tem muito racista. Eu sou baiano e, quando eu era menino, trabalhava em banco, eu era contínuo de banco, e eu me lembro que o dono do famoso Banco Econômico da Bahia não comia fruta que não fosse fervida e nem tocava em telefone que tivesse sido tocado por um servente dele, porque era negro. Ele era muito racista. Todas as elites nacionais são racistas. Os meios de comunicação, que pertencem sempre às famílias, às grandes famílias, são reflexos desse sentimento racista. Não fizeram nada contra o racismo brasileiro. De vez em quando há um ou outro que tem ascensão, tem um programa, tem a novela. É meritório. Mas não se ataca o racismo. Pode até ser meritório um passo progressista, mas ele por si não toca na questão do racismo.

## **A QUESTÃO INDÍGENA**

Quando se fez o pacto da independência, na iconografia do pacto da independência do Brasil, das nossas classes dirigentes, aparecia o índio, a imagem do índio. Que tinha sido dizimado e continua sendo dizimado. E por que é que o índio apareceu? Porque ele estava distante. E havia um discurso indigenista europeu, que se refletia em alguns romances, se valorizava romanticamente o índio.





É uma outra maneira de interpretar a frase de Vinicius de Moraes: o amor só é realmente bom quando vai embora. Se está distante, logo podemos amar o índio.

Mas a verdadeira valorização simbólica do indígena está nas casas matrizes de candomblé do Brasil, onde o índio é venerado na forma de caboclo. Por quê? Porque os negros, de pronto, sempre souberam que o dono da terra era o índio. E o dono da terra é valorizado. Segundo a própria ideia do ancestral, o nosso ancestral coletivo é o índio. Mas está distante... E nós sabemos, por outro lado, que o racismo se exacerba na proximidade, não se o sujeito está mais distante, se é menos, numericamente.

## **POR UMA POLÍTICA UBUNTU**

O conceito de *ubuntu* é muito reflexivo, mas é também operativo. Quando ele diz, em resumo: olha, o homem só é, o homem só existe sendo, mas sendo junto ao outro, de saída ele se abre como programa político. Ele não se faz presente num plano econômico, nas políticas de território ou nas políticas de Estado que contemplem apenas a circulação do capital, apenas o jogo dos capitais que chegam e vão embora rapidamente, que não olham para o território, nem olham para a produção. E é isso que ocorre com as finanças, é isso que ocorre com os bancos. Um financista, o sistema financeiro não tem nenhum compromisso com o território concreto. O capital não

gosta de gente, jamais gostou. Capital gosta de valor, para incrementar o capital, para realimentá-lo. Você tem uma coisa que não é junto com ninguém, é junto com si mesma e para se regular. Politicamente, o ser junto do *ubuntu* implicaria uma política de território, uma política de gestão e de cuidado com o bairro, com as comunidades, com as territorialidades específicas – e não com as obras, digamos, com os monumentos na cidade, com as obras monumentais, com os palácios, com os megaeventos, que é o que nós estamos assistindo de um tempo para cá, no Brasil, na gestão das cidades. Isso aí não é *ubuntu*.

Sobre política educacional, isso aí qualquer economista conservador nos diz: só há crescimento econômico e só pode haver investimento econômico de qualidade com a educação. Educação não é um acréscimo; é vital, é fundamental. Mas esse tipo de discurso em que educação se reduz apenas à distribuição de verbas não é *ubuntu*. Educação, antes de ser verba, é verbo, como *ubuntu* é palavra-verbo, e no entanto é discurso, é investimento. A partir desse conceito de ser junto podemos pensar em mais, na questão da saúde, por exemplo. Mas uma política prática de *ubuntu* é uma política aproximativa, é uma política de aproximações. Você só pode lidar com as diferenças na cabeça. Em tese você está preparado para lidar com qualquer diferença, basta ser medianamente educado; mas deixa nos aproximar para ver como o ódio se exacerba... Portanto, é a aproximação a única coisa que dá um drible imediato no racista. É a aproximação, é deixar se aproximar. Aí é que as coisas começam a mudar um pouco.





## NECROPOLÍTICA

Em toda aversão ao outro está implícita a palavra ódio. Ódio não se trata de uma coisa circunstancial. Essa palavra é muito antiga – a palavra ódio, em latim, significa aversão ao outro, uma aversão radical. E o ódio é tão estruturante e tão fundante quanto o amor. O ódio funda. O ódio não é a mesma coisa que a raiva, não é a mesma coisa que o asco, não é a mesma coisa que o nojo, justamente porque o ódio é estruturante. E o ódio, tanto quanto o amor, pode alimentar. É nessa alimentação que a necropolítica surge. Talvez uma historinha valha para explicitar essa posição... É sobre um velho indígena cherokee americano que está perto da fogueira e diz pros netos: “Olha, eu tenho no peito dois lobos famintos, dois lobos esfomeados. Um é mau, destrutivo, cheio de vontade de matar o outro; e o outro também é esfomeado, é faminto, mas ele é pacífico, é dócil.”

(...)

Na verdade, o desejo que sustenta o ódio é de que o outro desaparecesse, numa lógica de que o lugar do outro é insuportável para nós, porque ele é sempre uma ameaça para ocupar o nosso lugar, que nós mal sustentamos. Cada um de nós sustenta muito mal o seu próprio lugar, por isso que a cabeça do homem – e isso está em São Lucas – não descansa, diferentemente do passa-

ro, que tem onde repousar a cabeça. Mas a cabeça do homem não descansa, pensa o tempo inteiro, está o tempo inteiro pensando, é preciso aplacar a cabeça. Enquanto essa cabeça tem ódio, ali o desejo de morte do outro é muito forte. É isso que funda a necropolítica, e essa necropolítica, esse desejo de morte, contamina as políticas de Estado. Acreditamos, sinceramente, e não falamos sobre ninguém especificamente, que determinadas pessoas assumem o governo, o poder, com vontade de matar o diferente. E o problema do negro é que ele é um diferente, é muito diferente. Quando eu entrava em sala na Sorbonne, eu era muito diferente. “Aquele é negro brasileiro”, cochichavam. O negro é diferente. E a necropolítica se funda nesse modo de vida fundamental que é o ódio ao diferente.

De maneira objetiva, é obsceno, escandaloso, nojento quem assuma um governo, por exemplo, com a ideia de dar tiro na cabecinha dos outros. Essa cabecinha é a cabecinha do negro. Isso é necropolítica em ação, em ato.

## **DEVEMOS CONTINUAR USANDO O CONCEITO DE RAÇA?**

Nós não podemos simplesmente eliminar a palavra raça, nós não podemos eliminá-la, nós não podemos ignorá-la. Mas nós devemos sempre ver que as palavras são também resultado de invenções, as palavras são

aquilo, significam aquilo em que acreditamos. E elas crescem também na injeção de amor ou de ódio que nós damos a elas. O nosso convite é para nós relativizarmos a palavra, para não acreditarmos tanto nela. Ela não merece tanta crença, ela não merece tanta fé. Mas às vezes é estratégico usá-la, num determinado momento. Às vezes é uma estratégia necessária afirmar a raça negra. Mas não acreditemos nessa afirmação, porque, embora ela seja uma ficção, as ficções têm força de nos convencer. O amor é uma ficção, é uma ficção alimentada por afeto, por palavras; mas uma ficção. Se você deixa a ficção esmorecer, o amor também esmorece. Então essa ficção que a palavra raça arrasta simplesmente não deve ser muito alimentada, como o lobo que estava no peito do cherokee: ele não dava muito alimento para esse lobo. Mas às vezes, estrategicamente, sem dúvida nenhuma, a palavra raça pode nos servir.

## **AMOR E ÓDIO COMO CONCEITOS NÃO BINÁRIOS**

Há um problema em se tomar amor e ódio como afetos absolutamente diferentes: aqui está o amor, aqui está o ódio... Pois aí se tem o binarismo. Isso se resolve se nós pensarmos como princípios. Isso é bem africano: pensar com princípios. Princípios contraditórios, mas que se seduzem. Por exemplo, homem e mulher: o Ocidente

pensou-os de modo binário e a dominação está nessa separação. Quando você separa radicalmente homem de mulher, você separa para dominar: um dos dois vai dominar o outro e nós sabemos historicamente que o patriarcalismo, o homem tem dominado a mulher.

O que é que ocorre quando você pensa em termos de princípios? O princípio feminino, o princípio masculino ou qualquer outro nome que você der, isso pode habitar como princípio, qualquer que seja a sexualidade anatômica do indivíduo. Então você pode ter o princípio feminino imperando e reinando tranquilamente numa figura masculina, no homem, ou o princípio masculino habitando perfeitamente uma mulher, porque os princípios se trocam, os princípios se seduzem, os princípios se interpenetram, eles não são entidades edificadas. Então o problema é você acreditar nessa separação e achar que ela é compacta, que o homem é homem e mulher é absolutamente mulher, isso não existe. No homem, na figura do homem tem mulher, tem avô, avó, o parente e o animal, a transcendência, a divindade, porque tudo isso é princípio. A masculinidade é um princípio, o feminino é um princípio e isso não permite nenhuma discriminação radical de escolhas afetivas e sexuais diferentes. É por isso que os terreiros, com todos os seus problemas, sempre foram mais modernos do que a sociedade ocidental ao tocar na questão da homossexualidade. Não quer dizer que sejam o paraíso, mas sempre foram mais avançados, mais compreensivos sobre esse habitar de sexualidades diferentes nos corpos das pessoas.

## RAÇA OU POVO?

A unificação por raça, digamos, estrategicamente, dá uma certa força. Outro dia, fui convidado para falar numa casa de manhã, num domingo, e eu fiquei sinceramente siderado – só tinha praticamente mulheres negras, muito bem articuladas! Elas eram de uma dignidade de fala, de uma serenidade de fala, que eu me perguntei o seguinte: “O que é que trouxe de manhã todas essas mulheres aqui?”. Que se diga: foi a raça, foi a cor. Mas será que de alguma delas poderia partir um discurso separatista, no sentido de branco é branco e preto é preto? Não acreditaríamos nisso.

Sem dúvida nenhuma, não tem nada mais profundo do que a pele. A cor da pele não faz raça diferente. Ela faz uma identificação racial, uma relação racial, daí sim a identificação da unidade. Nós nos identificamos primeiro pela cor da pele, mas não precisamos nos identificar com raça, essa não é uma questão de semelhança. É uma questão de homeopatia, é uma questão de analogia. E ainda aí há um pensamento *ubuntu*, tem mais pensamento do terreiro, porque o negro tradicional pensa por analogia, não pensa por contradição. Se as coisas são análogas, se podemos fazer um acerto, negociar, ainda que simbolicamente, nós nos aproximamos.

É uma razão parcial a cor da pele permitir uma unidade, porque essa cor da pele não fez raças diferentes, fez apenas fenótipos diversos. Uma intelectualidade se constituiu no Brasil, ao longo dos anos, com a cor negra,

com esse marco negro, que é insustentável para as elites universitárias e mesmo para as elites brasileiras. É por isso que depois que essa fração de povo, esse povo particular se uniu – chamaríamos, pois, de povo aquela raça –, você o reconhece por certas características. Como podemos reconhecer o povo indígena não por raça, mas por certas características, de fala, de língua, de aparência. Esse povo está investido de tal poder de fala que nenhum discurso racista, nenhuma pressão racial pode tornar a sua fala em branco de novo. Nenhuma ditadura, nenhum poder militar poderá fazer mais essa jovem gente se calar. E sabe por que não vai fazer? Porque – e falemos como membro e obá de terreiro – quem transporta a fala é exu.

Exu é o dono da fala, exu é o dono da comunicação; e depois que a fala sai da boca, ela só entraria de volta se exu a levar, e exu não vai levar a fala de volta. Portanto, as coisas mudaram. Mas não foi a raça que deu unidade: foi a identificação de povo, porque o Brasil não tem um povo nacional, o Brasil tem povos nacionais. São muitos os povos brasileiros. Esse conceito de povo é republicano, é abstrato demais para acreditarmos nele. Nós temos muitos povos. Temos os povos indígenas, os povos negros, os povos ribeirinhos, os povos de alta urbanidade, são muitos os povos brasileiros. Substituiríamos, na busca de uma unidade, pois, a palavra raça pela palavra povo. Povo.





## POVO DE SANTO E SEUS JOGOS DE NEGOCIAÇÃO

É escandaloso que a cultura negra tradicional seja expulsa do morro por fundamentalistas, escudados por milícias. Como é que nós podemos aceitar um retrocesso desses? No entanto, o que podemos dizer do Brasil, a mesma coisa em relação aos Estados Unidos, é que há os jogos. Se tem uma coisa que faz a cultura popular, a cultura americana, vital para a economia não é a bomba atômica, é a música. São os jogos americanos, é o jazz, é o canto, é isso que faz os Estados Unidos, que dá uma vitalidade àquele país. Fora isso, tem poder, máquina militar, bomba atômica – e a gente experimentando isso. No Brasil é a mesma coisa.

O passo civilizador mais forte do Brasil foi dado no Rio de Janeiro com a presença do negro baiano na região da Saúde, no início do século XX. Os negros baianos sociabilizaram e civilizaram o Rio de Janeiro e isso nunca se esgotou, esse impulso nunca se acabou. Então o que tem de forte nos povos, o que tem de forte nas nações não é apenas a cabeça – são as vísceras! Vieira é que dizia isso. E as vísceras de uma nação são os povos, as vísceras são a diversidade dos povos. E esses povos se manifestam como: falando, articulando, escrevendo livros? Não, se manifestam com jogos. Jogos de entretenimento, mas jogos também litúrgicos, jogos de corpo.

Então há que se manterem vivos esses jogos. E isso

não achamos que seja tarefa do Estado – claro que uma festa como o Carnaval do Rio de Janeiro não precisa ser manifestamente objeto de ódio por parte do prefeito atual da cidade [na época, o bispo Marcelo Crivella]... Mas não acho também que seja o Estado que deva promover essa festa. Essa festa tem que ser suficientemente viva e diversa, para que ela continue vindo do povo – ou então que se faça experiências de sua morte, pode-se fazer! É preciso pelo menos contar com a possibilidade da experiência de sua morte, como todo mundo conta, como todo grupo conta.

Existe algo efetivamente vivo, transitivo nos jogos litúrgicos. Aliás, as coisas, os conceitos são transitivos ou intransitivos. O que é que é transitivo? É uma palavra, é uma forma, um conceito que tem a ver com a prática, com o trabalho. Se pegarmos um açougueiro falando de carne, a fala dele é transitiva. Já um poeta falando de carne, mesmo que a fala dele seja muito mais bonita do que a do açougueiro – deve ser! –, mas essa fala é intransitiva, pois ele não trabalha com carne, ele não tem uma relação de trabalho de transformação com a carne, ele o tem com as palavras, que é outro plano. O intransitivo, portanto, é a fala que se estabiliza. Toda essa fala de rede eletrônica também é intransitiva; não é fala de diálogo, é fala de ricochete. Aquele que está brigando na rede não é falante, é usuário. Ele é peão de um sistema publicitário e ele acha que tem liberdade para falar, que pode xingar etc. Já os jogos litúrgicos nascem na espontaneidade do comum de uma comunidade, nascem da dialética de

vida dessa comunidade. Os jogos vêm daí, e é por isso que eles são fortes. Nunca, com 200 anos de cinema do Brasil, com televisão, acabaram-se os jogos litúrgicos brasileiros. Nenhuma religião de ódio conseguirá acabar com os orixás. Agora, as tentativas são grandes para isso: pode botar para fora do morro! Mas, essa praga que é o fundamentalismo não acaba conosco, pois esse é o jogo litúrgico fundamental para grande parte dos brasileiros, é na vitalidade dos jogos que ele nutre a sua força.





# MOVIMENTOS NEGROS

*Renata Souza*

*Seimour Souza*

**HÁ SÉCULOS**, os movimentos negros no Brasil e no mundo vêm denunciando as condições de vida das pessoas negras em diversos lugares. Num quadro em que o racismo cimenta todos os tijolos da nossa estrutura social, em que nossos corpos negros são mobilizados para desenvolvimento capitalista, ao custo das nossas vidas, a luta dos movimentos negros é essencial, não só para denunciar esse modelo excludente e mortal, mas também para propor alternativas efetivas de saídas para a crise social, política e econômica.

Os números demonstram que vivemos no Brasil um verdadeiro genocídio dos povos negros. De acordo com o Atlas da Violência 2020, que avaliou o período entre 2008 e 2018, jovens entre 15 e 29 anos representaram 53,3% das vítimas de homicídio no país. E 75,7% das vítimas de assassinatos eram negras. Enquanto a taxa de homicídio de negros cresceu 11,5% em uma década, entre não negros houve redução de 12,9%. Vivenciamos o aumento da mortalidade materna de mulheres negras em razão da violência obstétrica, que faz com que a chance de morte seja duas vezes maior, e o aumento em mais 54% do feminicídios de mulheres negras nos últi-

mos anos. A perseguição e a violência sistemática contra os terreiros e os adeptos das religiões de matriz africana, e a criminalização das expressões culturais negras, como o rap e o funk, são também tentáculos do genocídio anti-negro do Estado brasileiro.

O racismo tem elaborado narrativas criminalizadas, produzido dores, controlado corpos, sentenciado vidas, fomentado violência, e nos fazendo contabilizar mortos. O genocídio anti-negro não faz parte de uma narrativa que deve ser denunciada, mas já se incorporou no cotidiano como um fato habitual e previsível.

O processo de dominação é pelo extermínio da vida, assassinatos à luz do dia e da noite, sob a certeza da impunidade e, não menos, sob o manto de aprovação de significativa parcela da sociedade, sintetizada nos defensores da “moral e dos bons costumes”. Boa parte da sociedade aprova a aniquilação sistemática de corpos negros.

Apesar de inseridos em um processo genocida que diuturnamente suprime as nossas vidas, nós, pessoas negras, estamos adoecidos e fragmentados enquanto indivíduos e enquanto coletividade. Em pedaços miúdos. Nossas vidas não valem nada, as perspectivas não existem para nós e o futuro nos aponta para a morte.

A despeito de tudo o que estamos submetidos cotidianamente nessa necrópole, os nossos sonhos seguem sendo a nossa principal bússola para apontar um futuro que tem de ser diferente, sob o custo de não estarmos honrando os nossos ancestrais que um dia ousaram sonhar com a liberdade. Precisamos nos organizar sobre o



que os passos daqueles e daquelas que pavimentaram o caminho para que pudéssemos estar vivos mesmo apesar de tudo, dos que nos ensinaram práticas de resistência que fizeram com que chegássemos em 2021 sendo a maioria da população.

É necessária a completa desarticulação de um grupo para que se possa ter mais facilidade em sua dominação, por isso devemos traçar linhas intransponíveis, as quais jamais vamos ultrapassar. Estabelecer limites e valores que deverão ser inegociáveis. As nossas vidas, as nossas crianças, os nossos sonhos e os nossos corpos não podem servir como moeda de troca, nem como combustível de desenvolvimento de um sociedade capitalista e excludente.

Temos um pacto duro com a realidade, a ancestralidade que nos trouxe até aqui é a mesma que foi assassinada nos tumbeiros, nas senzalas e nas plantações, e disso não podemos esquecer nem por um minuto, sob o custo de estarmos consensuando com apagamento do nosso bem mais precioso: a memória ancestral.

Lembrar nossa ancestralidade é honrar aqueles que criaram as ferramentas necessárias para que hoje possamos lutar. É honrar Dandara e Zumbi de Palmares, a princesa Aqualtune, Zacimba Gaba, Tereza de Benguela, Manuel Congo e Mariana Criola, Luiz Gama, e tantos outros ancestrais negros que deram as suas vidas pela nossa liberdade, tal como Luisa Mahin, nossa grande referência. Uma mulher negra e escravizada, que foi uma das principais lideranças da Revolta dos Malês, ainda

durante o período escravagista. Honrar nossos ancestrais é lembrar a todo momento que temos uma história que é de altivez e resistência.

Valores como coletividade, solidariedade, humanidade e circularidade são o que tem conduzido o movimento negro brasileiro até os dias atuais. Dos tempos do escravagismo, passando pelo processo de apagamento e vilepêndio dos corpos negros no século XX até os dias atuais, o compromisso tem sido a luta intransigente contra o racismo, a exploração e pelo bem viver.

E a partir desse processo que avanços foram produzidos. À luz de muita luta, vemos cada vez mais pessoas negras ocupando os bancos das universidades e produzindo saberes que são racialmente referenciados em territórios e corpos negros, e evidenciando cada vez mais a potência das favelas e periferias, que historicamente sofrem com um processo de violência intencional e letal, e agora, cada vez mais, tem produzido possibilidades e alternativas a partir do próprio território.

Consequência direta também da articulação dos movimentos negros brasileiros é o aumento nos últimos anos da eleição, em especial de mulheres negras, cis e trans, para ocupar cargos políticos em parlamentos de diversas esferas e territórios. Mulheres negras, com nome e sobrenome, e autonomia de fala e percepção para falar sobre si mesmas, sobre as suas dores e para propor saídas e alternativas eficazes contra aquilo a que foram submetidas. Falo de mulheres que, assim como Lélia Gonzalez, Antonieta de Barros, Beatriz do Nasci-

mento e tantas outras, romperam com a barreira do silêncio, da dor, do lar. Falo de mim, Renata Souza, mas também de Benedita da Silva, Andreia de Jesus, Taliria Petrone, Erica Malunguinho, Dani Monteiro, Aurea Carolina, Benny Briolly, Jurema Batista, Mônica Francisco, Erika Hilton, Thais Ferreira, Vivi Reis, Tainá de Paula, Luana Alves, Monica Seixas, Olivia Santana, Rejane de Almeida, Jô Cavalcanti e tantas outras mulheres negras comprometidas com a luta antirracista e pela defesa das vidas das pessoas negras nesse país.

E é em nome de todas essas que também reverencio e honro a nossa ancestral jovem Marielle Franco, que teve a sua vida brutalmente interrompida, vítima de um feminicídio político. Marielle Franco é símbolo da resistência, da luta e da resiliência política das mulheres negras. Por ela e por nós, seguimos cobrando que o Estado brasileiro responda “Quem mandou matar Marielle Franco?”

Por Marielle e por tantas outras, devemos estar atentos ao processo de reintegração de posse daquilo que nos é de direito, mas também ao processo de restabelecimento de agência para criação e produção independentes, com todas as estratégias possíveis. Para isso, é necessário atenção ao óbvio: estarmos vivos em todas as dimensões de vida. Proteção e vida longa a todas as mulheres negras que colocaram seus corpos à disposição da luta e pelo bem viver do povo preto.

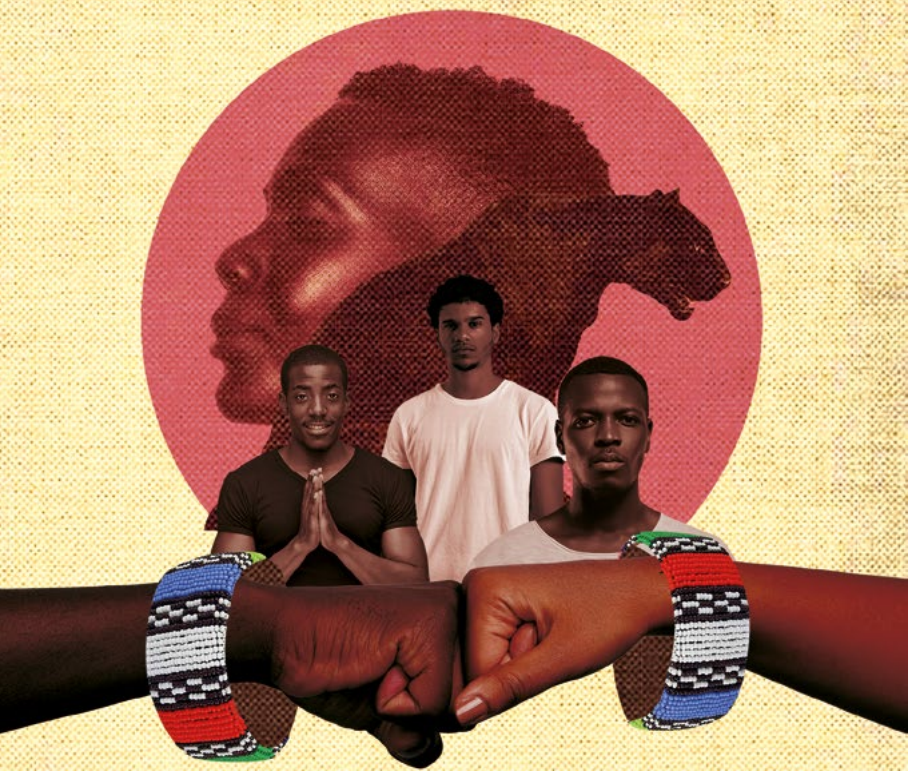
Chamamos a atenção para um processo essencial para pessoas pretas deste país. É necessário muito mais do que revolta para lidarmos com as consequências le-

tais que o racismo tem produzido nas nossas vidas, é preciso organização. Organização não somente sobre a égide da nossa ancestralidade, mas sobretudo na canalização de forças e estratégias na produção de mudanças concretas.

Organizar para não estarmos tão vulneráveis às estratégias de dominação de nossos corpos e, principalmente, vulneráveis à tentativa de reinvenção das nossas histórias. Organizar, pois essa é a nossa primeira e principal estratégia possível para a subversão do racismo. Somente através da nossa organização é que poderemos fazer frente a um Estado estruturado para nos aniquilar.

O movimento do “Vidas Negras Importam” demonstrou o tamanho da nossa força e da nossa capacidade de mobilização para chamar a atenção do mundo, sobre a barbárie a que os corpos negros estão submetidos, mas também demonstrou o quanto a nossa luta é transnacional e capaz de produzir fissuras necessárias às estruturas da sociedade. A recente condenação, nos EUA, do policial Derek Chauvin, responsável pelo assassinato de George Floyd, é a conjectura necessária que precisávamos para que os ventos das mudanças chegassem ao Brasil.

Apesar dos avanços, nós precisamos enfrentar a complexidade de nossos processos. Lidar com a violência, a dor, e a morte dos nossos, cotidianamente, também nos adoece e nos coloca em posição de duvidar da nossa força. Por isso é necessário que a resistência não seja romantizada na nossa luta e nos nossos espaços, resistir é necessário, mas também muito doloroso. Mesmo



não encontrando caminhos fáceis no que nos diz respeito, o afeto e o amor - sentimentos abandonados entre os nossos por uma percepção machista de fragilidade - precisam ser a tônica das nossas ações em todas as esferas possíveis de atuação, sem ele é impossível avançar na luta

Para isso, precisamos nos voltar para a nossa história, compreender que o tempo nunca foi nosso inimigo, que o nosso caminho não é o norte, mas o sul, e que por isso nosso destino caminha ao contrário. Mais do que reverenciar, precisamos dialogar com os nossos ancestrais, como Lélia Gonzalez e Abdias Nascimento, mas para isso precisamos retornar o modelo africano de sociedade, que diferente do modelo ocidental e capitalista, nunca colocou o resto da humanidade em risco. Compreendermos que para nós não existe o fim, mas sim início-meio-início. Que somos os sonhos dos nossos ancestrais, e que por isso não podemos perder nunca o sentimento de pertencimento, de um ciclo que não se iniciou e nem termina em nós. E que, por isso, temos a obrigação de deixar um legado melhor aos que virão depois de nós. Vida longa ao povo negro, vida longa a nossa coletividade, vida longa às organizações negras.



LUÍSA  
MAHINI  
SELO DA MANDATA

Renata  
Souza  
DEPUTADA ESTADUAL